

Dentro do pote de barro: reflexões sobre os enterramentos Guaranis através da sua cultura material

Letícia Morgana Müller¹

Resumo

O presente artigo pretende discutir as características dos enterramentos realizados na Cultura Guarani durante o período pré-contato no estado de Santa Catarina e oferecer dados para novas pesquisas. Foi feito um levantamento dos trabalhos arqueológicos realizados dentro deste recorte geográfico, comparando as formas dos enterramentos e a quantidade de indivíduos sepultados encontrados sepultados.

Palavras-chave: arqueologia; urnas funerárias; enterramentos; Guarani; Santa Catarina.

Parte de nosso conhecimento acerca dos primeiros habitantes do Brasil são através de dados obtidos com pesquisas arqueológicas. Com o cruzamento destas fontes com os relatos dos primeiros europeus que aqui chegaram a partir do século XVI é possível esboçarmos vários aspectos da vida social destes grupos indígenas, como sua subsistência, habitações, troncos lingüísticos, forma de enterramento, entre outros.

Quando estes primeiros europeus chegaram ao litoral de Santa Catarina, encontraram uma população nativa que denominaram Carijós. De acordo com o arqueólogo Osvaldo Paulino da Silva,

estes índios, de comportamento pacífico e praticantes da horticultura, que forneceram as condições necessárias para o estabelecimento dos primeiros homens brancos em território ilhéu [Ilha de Florianópolis]. Este período quando os habitantes nativos recebem as primeiras influências da cultura européia é caracterizado arqueologicamente como 'período de contato' (SILVA, 2001:s/p).

Pertencentes à cultura Guarani, eles habitavam o vale dos grandes rios no interior do planalto e litoral sul do Brasil, abrangendo Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo, estendendo-se também pela Argentina, Paraguai e Bolívia.

A subsistência destes grupos era baseada no que o ambiente oferecia, como frutos, raízes, mel, mas também eram horticultores, ou seja, preparavam a terra e plantavam. Uma forma muito comum de preparo de terra para o plantio era através da coivara, que consistia na derrubada da mata e logo após, a queimada, tendo, assim, terra limpa para o cultivo. Porém, em alguns anos, o solo perdia a sua fertilidade, o que obrigava estes agricultores a prepararem outra roça mais adiante, abandonando a primeira.

As aldeias poderiam ser grandes - com até 20.000 m² - ou pequenas. De acordo com Prous, os assentamentos do litoral de Santa Catarina são classificados como pequenos, poucas vezes ultrapassam 100 m². "De maneira geral, quando uma aldeia tem

mais de três unidades residenciais, estas tendem a se agrupar ao redor de uma 'praça central'" (PROUS, 1992:379). Estas unidades residenciais, também chamadas de choupanas, caracterizavam-se numa construção de madeira, coberta com folhas e sustentada pelo poste central.

A escravização destes grupos, somada às doenças que o afligiram após o contato, geralmente é apontada como a principal causa do seu declínio populacional e quase extermínio. Vários são os relatos de jesuítas ou portugueses atestando este fato. Jamundá (1987) menciona que por serem pacíficos e 'amigos', os Carijó se tornaram presas fáceis e em grandes quantidades. Aprisionados pelas bandeiras de caça aos índios e levados para as fazendas em São Paulo, antes do século XVII, seu número ficou muito reduzido. De acordo com Boiteux (1912 apud LADEIRA *et al.*, 1996:18), em 1612, a ilha de Santa Catarina já estava desabitada. Assim, no século XVII não se encontram mais registros de aldeias Guarani no litoral catarinense².

E os enterramentos?

Antes de realizarmos um enterramento de determinada forma, atribuímos a ele um sentido, para somente depois concretizá-lo. Ao idealizarmos, acreditamos tão profundamente nele que, provavelmente, se alguém nos disser que estamos fazendo errado não iremos acreditar, despertando, muitas vezes, até nosso sentimento de raiva. Desta forma, os rituais funerários e todo o imaginário que levam os indivíduos a utilizarem aparatos para a sua concretização, como os acompanhamentos funerários, a forma de enterramento, a escolha do local, a preparação da sepultura e todo o resto; é algo singular na cultura de um povo. E destes rituais dos povos pretéritos, muitas vezes, o que nos restam são apenas os elementos artefatuais que compõem a cultura material, que é o objeto de estudo deste artigo. Nos fragmentos de ossos e de artefatos que resistiram à ação do tempo, podemos "ler" indícios do que outrora foi uma sociedade dinâmica e autônoma.

Nesta perspectiva, a análise dos objetos que compõem os enterramentos Guarani é uma forma de tentar entender como estas populações se relacionavam com a morte e como eles (re)agiam diante dela. “Tomar estas diferenciações presentes nos rituais, por menor densidade simbólica que possam possuir dentro de um grupo, (...) permite perceber que essas práticas são sempre uma porta de comunicação entre a cosmologia e a escatologia de cada grupo” (RIBEIRO, 2002:26).

Neste sentido, podemos perceber que a utilização de urnas para o enterramento está relacionada às crenças dos grupos Guarani. O pesquisador José Vicente César, em um estudo sobre os enterramentos em urnas Tupi-Guarani, afirma que cinco poderiam ser os motivos que levaram os grupos Guarani a utilizarem as urnas para enterrarem seus mortos, que são: 1) para evitar o contacto do corpo com a terra. “Por uma atitude de respeito e piedade, não se deseja ver o cadáver do ente querido esmagado pelo contacto direto da terra” (CESAR, 1972:47). O que também explicaria a função da tampa; 2) proteção contra animais vorazes; 3) desterro da alma ou espírito do defunto; 4) proteção do morto contra maus espíritos, pois dentro destes recipientes estariam protegidos para repousarem; e 5) para facilitar o renascimento em reencarnações, seja em seres humanos, em plantas ou animais.

O mesmo autor ainda chama atenção para a importância que os enterramentos deveriam ter para estes grupos, pois

(...) considerando então os íntimos laços de sangue e parentesco pelos quais se organizavam as tribos tupis-guaranis em extensos grupos coletivos de <grandes famílias>, logo se percebe a importância que haviam de dar ao sepultamento de seus falecidos tão estreitamente unidos a todos os membros da grande comunidade familiar. Para eles consistem as práticas mortuárias não só em preparar o cadáver ou preservá-lo do contacto direto da terra, mas também, e talvez muito mais, em protegê-lo contra maus espíritos, em precaver-se contra um possível retorno ao mundo dos vivos ou mesmo em facilitar-lhe a longa viagem de além-túmulo (1972:27).

Pedro Inácio Schmitz acrescenta que:

Os mortos do próprio grupo costumavam ser enterrados num cemitério próximo aldeia. A tradição mais comum era colocar o cadáver, ou os ossos descarnados, num grande vasilhame de barro, coberto por um outro menor. Segundo os Guaranis, a alma acompanhava o corpo, mas separada, podendo ficar no espaço deixado entre o cadáver e a tampa (SCHMITZ, 1997:300).

No entanto, o arqueólogo Arno Alvarez Kern (1998) explica que o ritual de deposição dos mortos dentro de recipientes cerâmicos estava relacionado a sua crença mítica, a qual afirmava que os homens eram retirados de um recipiente cerâmico quando nasciam.

Ao esboçarmos estas linhas acerca do que já foi escrito sobre os enterramentos Guarani, percebemos a grande atenção dada pelos pesquisadores à utilização dos recipientes cerâmicos e aos enterramentos, logo, à sua cosmologia, mostrando o quanto poderia ser importante a realização de tal técnica e, conseqüentemente, sua incidência no grupo.

É muito comum, ao entrarmos em museus, nos depararmos com estes recipientes cerâmicos expostos. O que há em comum entre a maioria destes recipientes é a sua descontextualização, ou a falta de informações adicionais sobre sua procedência ou características do sítio de onde foram desenterrados. Isto acontece porque, na maioria das vezes, estes recipientes são doações da população local, que, muitas vezes, encontravam quando aravam a terra para cultivo. Desta forma, somos privados, muitas vezes, de pequenas informações, porém, muito importantes, como a presença / ausência de ossos no interior, características dos sítios, uma possível relação do mesmo com sítios próximos, etc..

Entre algumas instituições que têm em seu acervo estes recipientes cerâmicos, podemos citar o do Núcleo de Estudos Etnológicos e Arqueológicos do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – NEEA/CEOM, da Universidade Comunitária

Regional de Chapecó – UNOCHAPECÓ. Ele não é fruto de estudos científicos, mas proveniente de doação, por isso, pouco se sabe sobre sua procedência. Somente se tem a informação de que durante as décadas de 40 ou 50, um juiz chamado Vilmar Dangeles, muito preocupado com a causa indigenista, ganhou a urna de grupos indígenas. É possível que ela seja originária do município de Mondaí (SC)³. Como podemos ver na Figura 1, a urna apresenta a superfície externa corrugada.



Figura 1: Urna funerária do acervo do NEA/CEOM – UNOCHAPECÓ.

Fonte: NEA/CEOM - UNOCHAPECÓ

Fotografia: Silvano Silveira da Costa.

Ainda há outros museus com urnas em exposição, como o de Mondaí, que tem duas urnas doadas pela população local; o Museu Anita Garibaldi, em Laguna, que se difere dos outros por ter no seu interior ossos humanos fragmentados; e o Museu do Homem do Sambaqui, localizado no Colégio Catarinense, em Florianópolis, onde há vários recipientes cerâmicos de grandes proporções, que podem ter sido utilizados para enterramentos. Um deles provém do trabalho de levantamento arqueológico do município de

Jaguaruna, realizado por Rohr (1969). Algumas outras são da coleção Berenhauser, e cinco delas provêm do trabalho de prospecção arqueológica realizado por Rohr (1966), no município de Itapiranga (SC).

Em uma conversa informal com a arqueóloga Tereza Domitila Fossari, do Museu Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina – MU/UFSC, ela problematizou o quão impróprio pode ser a utilização do termo “urna funerária” para designar estes grandes recipientes cerâmicos doados às instituições ou escavados por arqueólogos. Argumentou que estes recipientes não eram confeccionados para este fim, e sim, quando não era mais possível ser utilizado para fabricar a cerveja ou preparar alimentos, destinados para o enterro dos mortos⁴. Neste sentido, o perigo que a arqueóloga mencionou é a generalização do termo, acreditando que, somente pelas dimensões e as características do recipiente, não podemos afirmar que fora usada para o enterramento. Como estas urnas doadas a museus, muitas vezes, não sabemos sua procedência e nem as características do contexto, podem ser um recipiente não utilizado para o enterramento, mas sim ter sido usado e abandonado pelos Guarani.

Sobre os recipientes cerâmicos, vários pesquisadores explicam que estes, antes de serem utilizados como urnas funerárias, eram utilizados para a fabricação do cauim ou depósito de água⁵ (LA SALVIA e BROCHADO, 1985).

“As grandes vasilhas carenadas ou em duplo cone, antes de terem sido utilizadas como urnas funerárias para os enterramentos primários e/ou secundários, haviam sido utilizadas primeiramente para as bebidas alcoólicas, consumidas ritualmente e preparadas de forma comunal” (SCATAMACCHIA, 1981:170).

O uso destas vasilhas para a fabricação de bebidas pode ser constatado nas marcas superficiais remanescentes na face interna das paredes da metade inferior e, principalmente, do fundo do

vasilhame, pois a fermentação, por ser um processo químico, corrói o acabamento superficial, expondo o miolo da parede. Esta esfoliação interna também pode ocorrer pela ação dos gases gerados na fermentação da bebida alcoólica⁶.

Outro aspecto que podemos considerar para corroborar a afirmação de que as vasilhas não eram feitas para o enterramento e sim para alguma outra função anterior é o fato destas não terem uma nomenclatura em Guarani para assim designá-las, como Noelli apresenta: “em Guarani, a cova era chamada de **tibi** (T: 156,389) ‘sepultura, sepulcro’, não tendo conhecida para a vasilha funerária nenhum nome relativo à sua função como esquife” (NOELLI, 1993:101).

De acordo com La Salvia e Brochado (*apud* KLAMT, 2004), *Yapepó* era a denominação das vasilhas que foram utilizadas como urnas, não para as urnas propriamente ditas; assim como *Camburchí*, que designa as tigelas eventualmente utilizadas como tampa, não à tampa em si. Percebemos como estas nomenclaturas designam as vasilhas, não a função delas.

Pesquisas arqueológicas em sítios Guarani com enterramentos

No Estado de Santa Catarina foram realizadas algumas pesquisas em sítios cerâmicos Guarani com evidências de enterramentos, como as de Rohr (1966 e 1969), Lavina *et al.* (1999), Piazza (1965) e Chmyz e Piazza (1967). Nestas pesquisas, podemos observar a pouca variabilidade de alguns elementos no enterramento, como a presença de acompanhamento funerário e o uso de urnas funerárias.

Entretanto, a grande maioria das pesquisas arqueológicas efetuadas em sítios Guarani no Estado e consultados para esta pesquisa não apresentam remanescentes arqueológicos de enterramentos como, por exemplo, de Lavina *et al.* (2000), De Masi (s/d), Fossari (1987, 1988^a, 1988^b e 1989), Éble e Schmitz (1972), Éble

e Stacamacchia (1974), a maioria dos sítios pesquisados por Rohr em Jaguaruna (1969), entre muitos outros.

Em 1964/65, o pesquisador Walter Piazza (1965) escavou um sítio arqueológico Guarani no bairro do Rio Tavares, em Florianópolis (SC). Na ocasião, o pesquisador evidenciou dois sepultamentos em urnas funerárias, um na área que denominou como central do sítio e outro na periferia. De acordo com Piazza, trata-se de um sítio do tipo habitação pela quantidade de artefatos cerâmicos, principalmente na área central. O primeiro enterramento, encontrado nesta área, estava acompanhado por um artefato lítico polido de basalto, com duas extremidades bem alisadas e uma delas apresentando sinais de fraturas, identificado pelo autor como sendo um furador ou batedor. No outro enterramento, localizado na periferia, encontrou-se uma vasilha inteira no interior da urna. Ela possuía a superfície externa corrugada, com engobo branco na face interna e apresentava ainda dois furos de suspensão.

Em outra pesquisa, realizada por Igor Chmyz e Walter Piazza (1967), no oeste catarinense, também foi escavada uma urna funerária. Na publicação consultada, os autores também comentam a existência de outra que se encontrava no museu do Grupo Escolar Carlos Chagas, no município de Piratuba (SC). Os pesquisadores não mencionaram quaisquer outras informações sobre esta, pois provavelmente não deveria ter registro algum. Também não mencionam a presença de acompanhamento funerário para a outra urna escavada por eles. A escavação da urna parcialmente destruída por uma motoniveladora é descrita pelos autores da seguinte forma:

Durante a remoção do que restava da urna, constatou-se que fora ela depositada numa cova ali aberta intencionalmente. Na terra que preenchia a peça foram encontrados vestígios, muito decompostos de ossos humanos e alguns fragmentos de cerâmica diferentes da urna. Também na parte superior e na porção periférica da urna, até uma profundidade de cerca de 15cm, estavam presentes muitos cacos de diversos recipientes cerâmicos. Ficou claro que a urna funerária havia sido

enterrada abaixo da camada arqueológica propriamente dita. Os cacos que a ladeavam até certa profundidade, provavelmente ali caíram durante a cobertura da peça(CHMYZ e PIAZZA, 1967:42).

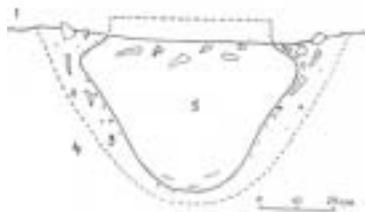


Figura 2 e 3: Urna funerária escavada por Chmyz e Piazza em Piratuba.⁷

Fonte: Chmyz e Piazza, 1967:41-42.

Ficou claro na ilustração a diferença entre as camadas (ver figuras 2 e 3). A área escavada para o enterramento (3) aparece com muitos fragmentos cerâmicos, diferentemente da terra estéril (4). Provavelmente a cor desta terra também deveria ser diferente entre as duas camadas.

No trabalho de levantamento arqueológico ocorrido no município de Jaguaruna, litoral sul de Santa Catarina, o pesquisador Pe. João Alfredo Rohr (1969) registrou a existência de vários sítios do tipo paradeiro Guarani. O autor utiliza o termo “paradeiro Guarani” para expressar:

(...) os sítios, onde em épocas mais recente, que talvez, alcançassem o tempo da conquista, existiam aldeamentos indígenas de origem Guarani. Os paradeiras são caracterizados pela abundância de carvão vegetal que imprime ao solo do local uma tonalidade escura. O subsolo do paradeiro indígena, está juveado de fragmentos de cerâmica, machados de pedras, pontas de flecha, lascas de pedra e grande variedade de outros utensílios indígenas (ROHR apud SILVA, 2000:10).

Neste trabalho, Rohr registrou 17 sítios da cultura Guarani. Os proprietários dos terrenos informaram que em sete deles já haviam quebrado urnas. Destes, o autor se deteve mais no sítio denominado SC-J-29, onde escavou uma urna. Nesta, havia restos de ossos de uma criança, dentes, algumas falanges e um pingente de concha.

Em outra pesquisa, Rohr (1966), no levantamento arqueológico no município de Itapiranga (SC), identificou 53 sítios arqueológicos, sendo a maioria deles da cultura Guarani. Informa que destes, em 33 "(...) foi constatada a presença de igaçabas, cujo número mínimo ultrapassava de 160 unidades. Acima de 40 igaçabas continham restos de esqueletos humanos" (p.25). Naquela ocasião, o autor escavou cinco urnas e ganhou uma. Destas, uma foi doada ao Museu Arqueológico de Itapiranga, e as outras foram encaminhadas ao Museu do Homem do Sambaqui, em Florianópolis. Dentre todas as pesquisas arqueológicas consultadas para a realização deste trabalho, esta foi a que apresentou o número mais elevado de urnas.

Mais recentemente, o arqueólogo Rodrigo Lavina *et al.* (1999), no salvamento arqueológico realizado para a construção da Zona de Processamento de Exportação – ZPE, em Imbituba (SC), estudou um sítio Guarani, com 25 estruturas que foram denominadas de manchas, correspondendo a moradias. Neste sítio, foram encontrados oito sepultamentos, destes, sete eram em urnas funerárias e um disposto diretamente sob o solo.

O mesmo autor escavou, em 2004, outra urna com ossos em uma plantação de mandioca em Jaguaruna, no sul do estado (SC) (BECKER, 2004). Segundo Lavina, os ossos eram de um indivíduo adulto, mas que devido ao mau estado de conservação não foi possível identificar o sexo.

Outra pesquisa foi a de uma urna funerária encontrada por moradores na Rua das Graças, no Campeche, em Florianópolis (SC). Este sítio foi escavado por uma equipe de arqueólogos voluntários, em parceria com o IPHAN.

Na ocasião foram encontrados diversos objetos guaranis, destacando-se uma urna funerária de cerâmica, com cerca de um palmo e meio de boca. No interior dela havia uma tampa de outra urna, maior, mas não foram achados ossos ou outras partes visíveis da pessoa que foi enterrada no local, apesar de evidências de acompanhamento funerário ao redor (MARTINS, 2000).

Na época, a proprietária do terreno, ao abrir um buraco para a construção de uma fossa, evidenciou a urna e logo contatou o IPHAN, que organizou um mutirão de arqueólogos voluntários para realizar o resgate. Contudo, o lugar não foi alvo de pesquisas mais sistemáticas, por haver construções de residências.

Outro exemplo de sítio arqueológico com evidência de sepultamento Guarani é o da Tapera, situado em Florianópolis (SC). O sítio é caracterizado por ter duas ocupações distintas, uma Itararé e a outra Guarani, sobrepostas. O arqueólogo Sérgio Baptista da Silva (1990) estudou este sítio em seu mestrado e apresenta que, dos 172 sepultamentos escavados, todos estariam ligados à ocupação Itararé e apenas um à ocupação Guarani. Contudo, nada mais informa sobre este possível enterramento Guarani em sua publicação. O autor não sabe explicar porque não encontraram mais sepultamentos Guarani ou onde estariam tais sepultamentos, uma vez que o material cerâmico relacionado à ocupação é abundante (19.491 fragmentos cerâmicos coletados) e indicam uma permanência no local. A ocupação Guarani neste sítio foi datada em 1.400 d.C (SILVA, 1990:221).

Como visto na breve apresentação acima, poucas são as pesquisas em sítios arqueológicos Guarani no Estado de Santa Catarina com a presença de urnas funerárias e/ou enterramentos. Podemos constatar que menor ainda é o número de sítios que possuem datações. Chmyz e Piazza (1967) recolheram carvão para datação, mas no momento da publicação ainda não tinham resultados. Lavina *et al.* (1999) também obteve datações em suas pesquisas no sítio da ZPE. Segundo o autor, neste sítio, poderia

haver duas ocupações temporais distintas, vinculadas à tradição Tupi-guarani:

Uma mais antiga, que teria ocorrido mais ao norte da área da ZPE, com datações de 1040 +/- 110 BP (estrutura funerária 1), 1000 +/- 110 BP (estrutura funerária 7) e 1050 +/- 150 BP (mancha 19). Esta se caracterizaria pela utilização, como urnas funerárias, de vasilhames com a base intacta, possibilitando a melhor conservação do sepultamento. Outra mais recente, instalada no limite sul da área da ZPE, com datações de 715 +/- 75 BP (mancha 4) e de 810 +/- 85 BP (mancha 5), seria caracterizada pela utilização de vasilhames com a base partida ou inexistente, o que permitiria a entrada de umidade no interior das urnas e o conseqüente desaparecimento do sepultamento (LAVINA, et al, 1999:93).

Piazza (1969, *apud* SCATAMACCHIA, 1981) também obteve datações em sítios no vale do Uruguai. Em um deles, onde mencionou a ocorrência de urnas funerárias, apresentou o resultado de 880 +/- 100 A.D. e 1460 +/- 70 A.D.

Acompanhamento funerário

Os acompanhamentos funerários são freqüentemente registrados nas urnas escavadas. Rohr (1969), no sítio SC-J-29, citado anteriormente, encontrou um pingente de conchas associado ao sepultamento de uma criança em urna funerária.

Também Lavina *et al.* (1999), associado à mancha n.º 20, localizou uma urna com sepultamento primário de uma criança, onde evidenciou vários objetos na tralha mortuária:

Junto à urna, próximo à tampa, encontrou-se um pequeno vasilhame cerâmico simples, fragmentado. No interior da urna, estava depositado um sepultamento primário infantil em decúbito dorsal e com os membros inferiores fletidos, acompanhado por dois colares de contas

confeccionados sobre concha e por dois artefatos polidos em carapaça de gastrópode (LAVINA, et al., 1999:91).



Figura 4: Urna funerária de sepultamento primário infantil, evidenciando recipiente cerâmico como acompanhamento funerário.

Fonte: LAVINA, *et al.* 1999.

Neste sítio da ZPE (LAVINA, *et al.* 1999), exceto por um sepultamento que havia sido destruído antes do início da pesquisa, em todos os demais havia acompanhamentos funerários, como lâminas de machado polida (enterramentos associados às manchas n.º 05, 06 e 09 e entre as manchas n.º 16 e 17), tembetá (enterramento associado à mancha n.º 09) e vasilhas cerâmicas (os dois enterramentos associados à mancha n.º 05, o da mancha n.º 06 e 09, o enterramento situado entre as manchas n.º 05 e 14 e o infantil, já citado, associado à mancha n.º 20).

Rohr (1966) também observou a presença de acompanhamentos nas urnas que escavou em Itapiranga. Escreve que em uma destas havia um tembetá e, em outra, dois tembetás, além dos ossos humanos em ambas.

Formas de enterramento

De acordo com Noelli (1993), existem duas formas de enterramento na cultura Guarani, que são: primários e/ou secundários, dentro ou fora da estrutura de habitação. Ribeiro também explica:

Um ritual funerário pode ser composto de dois enterramentos: um primeiro, pouco tempo após a morte, denominado enterramento simples ou primeiras exéquias, e um segundo, quando – após os ossos serem limpos, se efetua o ritual de fim de luto, com o enterramento definitivo, denominado enterramento duplo ou segundas exéquias (RIBEIRO, 2002:03).

As pesquisas também apontaram que os Guarani usavam vasilhas para o enterramento secundário de adultos ou primários de crianças. Como podemos constatar em Lavina *et al.* (1999), Piazza (1965) e Chmyz e Piazza (1967).

Outros pesquisadores, como César (1972) e Klamt (2004), apresentam que as urnas funerárias teriam sido usadas tanto para os sepultamentos primários como para os secundários. Acredita-se que nas urnas maiores caberiam indivíduos adultos fletidos e que, portanto, poderia se tratar de um indivíduo primário. Enquanto nas menores, poderiam ser tanto enterramentos primários de crianças como secundários de adultos.

Esta questão é reforçada por Ribeiro:

O enterramento em urnas é costume característico mas não exclusivo dos Tupi Guarani, como afirma César (1972) (...) 'Grandes urnas usadas para sepultamentos primários de adultos' as quais seriam usadas por tribos como os Caiuá, Carijó, Chané, Chiriguano, Cocama, Cocamilla, Guaianá, Guarani, (...). E, 'Urnas menores para enterros secundários em geral ou primários de adultos', usadas pelos Cocama, Cocamilla, Oiampi, Omaguá, (...) Wayoro, Xipaia, Guarani e 'Bugres dos Campos' (RIBEIRO, 2002:43).

Contudo, não é somente conhecido na cultura Guarani a prática de enterramentos em urnas. Também há os enterramentos primários, sem a utilização dessa prática. Na pesquisa realizada por Lavina *et al.* (1999), evidenciou-se um enterramento diferente dos demais do mesmo sítio: primário sem a utilização de urna. “O sepultamento havia sido depositado diretamente sobre o solo, coberto por um vasilhame cerâmico com superfície externa simples e interna pintada em vermelho sobre engobo branco” (p. 68). Era um indivíduo adulto, depositado em decúbito dorsal, tendo o crânio e parte do peito cobertos por um vasilhame cerâmico simples, de 44 cm de diâmetro. Os ossos que se encontravam fora do vasilhame estavam completamente decompostos.

Noelli, em 1993, descreveu que até aquele momento “a única estrutura funerária⁸ com sepultamentos primários Guarani conhecida foi encontrado por Chmyz (1974:74) no Paraná, em um conjunto de enterramentos primários e secundários. Um dos enterramentos primários apresentava um indivíduo na ‘(...) posição acorçada, tendo sobre o crânio uma vasilha rasa emborcada’ (CHMYZ, 1974:75)” (NOELLI, 1993:102). Esta estrutura de enterramento primário se assemelha à escavada por Lavina *et al.* (1999). A diferença está na disposição do sepultamento, onde um encontra-se em posição de decúbito dorsal, e outro acorçado. Até o presente não encontramos outras pesquisas em Santa Catarina que tivessem evidenciado sepultamentos primários associados aos Guarani para podermos estabelecer comparação.

Lavina, com relação a este caso de enterramento, explica que “(...) poderia ser um sepultamento abandonado antes do enterramento secundário subsequente, embora a mobília funerária compostas por vasilhame, lâmina de machado e tembetá sugira um enterramento definitivo” (LAVINA, *et al.* 1999:152-153).

Foi nos perguntado, o porquê deste número tão pequeno de enterramentos sem urna na cultura Guarani pré-contato e chegamos à possível suposição de estar relacionada à agricultura atual. Como os Guarani dominavam a técnica da agricultura, podemos fazer uma

relação do local de fixação destes grupos com um local apropriado para o plantio.

Desta forma, hoje ainda constatamos que os locais onde mais aparecem os sítios arqueológicos são aqueles em solos agricultáveis e ainda utilizados para a atual agricultura. Com frequência, os agricultores, ao lavrarem a terra, evidenciam os materiais arqueológicos dos sítios e, muitas vezes, o arado quebra o recipiente cerâmico utilizado como tampa para as urnas, expondo os enterramentos. Este fato é mencionado nas pesquisas de Rohr (1969), Lavina *et al.* (1999) e Chmyz e Piazza (1967). Desta forma, poderíamos supor que a falta de sítios com sepultamentos primários sem a utilização de urnas, como os descritos por Lavina *et al.* (1999) e Chmyz (*apud* NOELLI, 1993), *poderia* estar relacionada com a perda do registro arqueológico pelo arado. Quebrada, a cerâmica utilizada para pôr em cima dos ossos se mistura aos outros fragmentos do sítio. Desprotegidos e em contato direto com o solo, os ossos se decompõem facilmente, o que pode contribuir para a não identificação de tais estruturas.

Em muitas pesquisas arqueológicas, constatamos que a presença de tampas inteiras são raras e geralmente estão danificadas. De todas as urnas encontradas com tampa no sítio da ZPE (LAVINA, *et al.* 1999), por exemplo, apenas uma não estava com a tampa partida pelo arado. Já no levantamento arqueológico de Chmyz e Piazza (1967), na bacia do rio Uruguai, a tampa havia sido despedaçada pela ação de uma motoniveladora, pois no local estavam construindo uma estrada.

Aspectos gerais das urnas funerárias

Os Guaranis eram ceramistas por excelência, confeccionavam vasilhas com padrão decorativo variado, baseado na pintura e na incisão plástica, o que podemos constatar nas urnas funerárias.

A fabricação das vasilhas cerâmicas, de acordo com La Salvia e Brochado (1985), destinavam-se a três modos de utilização: 1) Utilitárias, para atender às necessidades mais simples durante a atividade diária;

2) Especiais, para a guarda de elementos de difícil reposição ou de características especiais que exijam um tratamento diferenciado, quer na forma como no acabamento superficial; e 3) Rituais, para uso exclusivo em atividades religiosas ou sociais e que por suas características não podem ser utilizadas para outro fim.

A cerâmica Guarani, em sua maioria, é feita através da técnica acordelada, isto é, a utilização de roletes de argila para dar a forma. O acabamento de vasilhas, de acordo com La Salvia e Brochado, para a produção acordelada, pode ser de dois modos:

1) Acabamento de cunho prático, aquele que busca a construção do artefato ou recipiente, como o fechamento dos interstícios, solidificação das paredes ou ainda, dar forma definitiva. 2) Acabamento de cunho artístico, é o tratamento dispensado ao artefato ou recipiente com a finalidade intencional da aplicação de uma decoração, sobre uma superfície preparada. Quer seja plástica ou pintada (LA SALVIA e BROCHADO, 1985:201).

La Salvia e Brochado ainda acrescentam que:

O acabamento de cunho prático seria de origem produtiva. A necessidade de produzir um artefato e dar-lhe uma determinada resistência, obriga o artesão ao uso de técnicas que ao conceito atual são denominadas 'decoração' mas, em realidade, são apenas elementos de acabamentos de produção. Assim, o corrugado, por exemplo, é uma forma produtiva e poderá ser, também, uma forma decorativa (...) (LA SALVIA e BROCHADO, 1985:201).

Na pesquisa de Lavina *et al.* (1999), as urnas funerárias do sítio da ZPE apresentavam as superfícies externas unguladas e corrugadas, o que nos leva a acreditar que, para este sítio, as considerações de La Salvia e Brochado (1985) são perfeitamente aplicáveis. Também podemos perceber esta finalidade para o corrugado em uma vasilha encontrada como acompanhamento funerário em uma das urnas escavadas por Piazza (1965), no Rio

Tavares. A utilização desta sugere ser por suspensão, pois ela possuía dois furos em sua lateral.

Nas vasilhas encontradas como acompanhamentos funerários e nas tampas das urnas do sítio da ZPE (LAVINA, *et al.* 1999), percebe-se uma maior tendência às decorações simples, unglado e pintado, o que atenderiam ao modelo proposto por La Salvia e Brochado: “as vasilhas ou artefatos de uso comum e até as de uso particular, não necessariamente necessitem uma decoração específica, mas poderão ficar com um acabamento de produção, o que não ocorre com as de uso exclusivo, onde um processo decorativo rígido deve ser seguido” (LA SALVIA e BROCHADO, 1985:202).

Os enterramentos em urnas: eram para todos?

Conscientes de que estamos trabalhando com um recorte espacial artificial que não condiz com a totalidade da área espacial anteriormente ocupada pela cultura Guarani, e que muitas pesquisas ainda devem ser realizadas na mesma temática, principalmente no que se refere ao território do atual Estado de Santa Catarina, traçamos algumas observações. Porém, não as lançamos empiricamente e, sim, baseadas no que foi apresentado neste capítulo e especialmente no que se refere a relação de sítios Guarani existentes no Estado.

Schmitz (1997) estima que no tempo da conquista, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Paraguai e Argentina, o número de indivíduos da cultura Guarani era cerca de 600.000 a 800.000 indivíduos ou mais. Levando em consideração que esta ocupação data de pelo menos quinhentos anos anteriores à conquista, podemos imaginar a grandeza do número de indivíduos que aqui viveram. Ao analisarmos a relação de sítios, dos 137 localizados na bibliografia, somente em 47 foi mencionada a presença de urnas funerárias ou de enterramentos. Para este número tão expressivo de sítios, poucos são os enterramentos encontrados, em

urnas ou sem urnas. Isto nos faz tecer algumas considerações acerca desta prática:

A primeira seria que a prática de enterramento, com utilização de urnas funerárias de cerâmica, não era para todos os indivíduos do grupo. Talvez, ela poderia ser realizada somente com quem detinha um status no grupo, ou quando havia vasilhas disponíveis na época da morte.

A segunda, já citada, seria a forte destruição das urnas funerárias pela ação do arado ou soterrado por obras, nos privando do estudo mais aprofundado destes vestígios. Anteriormente, já expomos esta problemática encontrada por vários pesquisadores em sítios arqueológicos. Este também é o principal motivo para o grande número de doações de urnas a museus, escolas e instituições. O material encontrado, muitas vezes sem valor para quem os localizou, é apenas retirado do local e entregue, sem nenhum acompanhamento profissional. Isso acaba por provocar a perda de muitas informações e limitar o estudo de muitos aspectos dos enterramentos Guarani.

Para chegarmos a respostas mais sólidas, torna-se necessário, portanto, um número maior de pesquisas de campo, visto que há uma defasagem em pesquisas arqueológicas em sítios da cultura Guarani, se comparado, por exemplo, com os Sambaquis. Por outro lado, na tentativa de suprir esta falta de dados arqueológicos, há a possibilidade de utilização de outras fontes, como etnográficas, além da grande quantidade de registros escritos e iconográficos na documentação histórica, especificamente relacionada às Missões Jesuíticas.

Notas

¹ Historiadora formada pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), pós-graduanda do programa de especialização em Arqueologia da Universidade Regional Integrada (URI-Erechim) e pesquisadora associada ao laboratório de arqueologia da *Scientia Consultoria Científica* de Florianópolis.

² Piazza também chama atenção para o fato: "(...) pela consulta feita ao Conselho Ultramarino (de Portugal) em 1658, verifica-se que na costa catarinense não havia mais índios" (PIAZZA apud SCATAMACCHIA, 1981:70).

³ Estas informações acerca das urnas do acervo do NEA/CEOM/UNOCHAPECÓ foram obtidas através de transmissão oral da técnica em arqueologia Miriam Carbonera. Jun./2005.

⁴ Alfredo Mendonça de Souza, citando Bray e Trump, também chama atenção para o fato. Conceitua urna como “vasilha utilizada para enterramento primário ou secundário (PRONAPA, 76). Termo que induz à confusão e que vem sendo empregado para designar qualquer vaso cerâmico de tamanho médio a grande, geralmente profundo e sem asas, empregados, possivelmente, para armazenar alimentos (BRAY & TRUMP, 70)” (MENDONÇA DE SOUZA, 1997:133).

⁵ Schmitz também reforça que “os recipientes maiores, depois de velhos e inúteis, serviriam ainda para enterrar os mortos, que eram cobertos por painéis e acompanhadas de tigelas com alimentos e bebidas” (SCHMITZ, 1997:307).

⁶ Informação pessoal de James Skibo. Workshop de análise cerâmica: tecnologia e função. Porto Alegre, dez. 2004.

⁷ As camadas da figura 9 configuram-se da seguinte forma: 1 – camada superficial retirada durante a abertura da estrada por uma motoniveladora; 3 – entulho, restos de cultura material que teriam sido colocados para enterrar a urna; 4 – terreno sem evidências arqueológicas; e 5 – urna funerária com terra e restos de ossos (CHMYZ e PIAZZA, 1967).

⁸ Entende-se por estrutura funerária “o conjunto formado pelos restos humanos dentro ou fora de vasilhas cerâmicas, acompanhadas ou não por anexos funerários” (NOELLI, 1993:101).

Referências

BECKER, Marcelo. Urna indígena é removida no sul. História: Utensílio de cerâmica, encontrada em uma plantação de mandioca, em Jaguaruna, será restaurado. **Jornal Diário Catarinense**. Florianópolis, 14/08/2004.

MARTINS, Celso. Descoberta questiona ocupação Guarani. **Jornal AN Capital**, de 25/06/2000. Disponível em <http://an.uol.com.br/ancapital/2000/jun/25/>. Acessado em 19/03/2005.

DE MASI, Marco Aurélio. **Projeto de levantamento arqueológico PCH Capivari**. Relatório Final. Florianópolis, s/d.

FOSSARI, Teresa Domitila (Coord.). **Povoamento pré-histórico da Ilha de Santa Catarina**. Relatório 1. Florianópolis: MU/UFSC, 1987.

_____. **Povoamento pré-histórico da Ilha de Santa Catarina**. Relatório 2. Florianópolis: MU/UFSC, 1988^a.

_____. **Povoamento pré-histórico da Ilha de Santa Catarina.**
Relatório 3. Florianópolis: MU/UFSC, 1988^b.

_____. **Povoamento pré-histórico da Ilha de Santa Catarina.**
Relatório 4. Florianópolis: MU/UFSC, 1989.

LADEIRA, Maria Inês; DARELLA, Maria Dorothea Post; FERRAREZE, João Alberto. **Relatório sobre as áreas e comunidades Guarani afetadas pelas obras de duplicação da BR 101 no Estado de Santa Catarina, Trecho Garuva – Palhoça.** Florianópolis, agosto/1996.

LAVINA, Rodrigo; *et al.* **Projeto de Salvamento Arqueológico da ZPE – Imbituba, SC.** Relatório Final. Criciúma, UNESCO, Setembro/1999.

_____; *et al.* **Projeto de Salvamento Arqueológico da Rodovia Interpraías - Trecho Morro dos Conventos – Lagoa dos Esteves, SC.** Relatório Final. Criciúma, UNESCO, Março/2000.

SILVA, Osvaldo Paulino. **Projeto de Salvamento Arqueológico Lagoa do Peri.** Relatório Parcial de Pesquisa. GEO Consultores de Mineração e Meio Ambiente Ltda. Florianópolis, setembro/2001.

BECKER, Ítala Irene Basile. Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas. **Revista de Arqueologia.** Vol. 8. São Paulo, 1994.

CESAR, José Vicente. Enterros, em urnas, dos Tupi-Guarani. In: SCHADEN, Egon (Org.). **Homem, cultura e sociedade no Brasil.** Seleções da Revista de Antropologia. Petrópolis: Vozes, 1972.

CHMYZ, Igor ; PIAZZA, Walter. A bacia do Uruguai e o seu povoamento pré-histórico. **Dédalo.** Revista de Arte e Arqueologia. Ano III, n 6. São Paulo: Museu de Arte e Arqueologia, 1967.

ÉBLE, Alroino Baltazar ; SCHMITZ, Sérgio. Sítio cerâmico sobre dunas (SC-LL-70). **Anais do museu de Antropologia da UFSC**. N. 5, ano V. Florianópolis, 1972.

ÉBLE, Alroino Baltazar ; SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. Sítio Cerâmico Tupi-Guarani no Vale do Itajaí (SC-VI-69). **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**. N. 7. Florianópolis, dezembro de 1974.

JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. **Os carijós lá nas raízes**. Florianópolis: IOESC, 1987.

KERN, Arno Alvarez. **Antecedentes Indígenas**. 2.ed. Porto Alegre:Ed. Universidade UFRGS, 1998.

KLAMT, Sérgio Célio. **Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor de tradição ceramista Tupiguarani**. 2004. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LA SALVIA, Fernando e BROCHADO, José J. J. Proenza. A cerâmica Guarani: análise e interpretação. **Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros**. Montoya e as reduções num tempo de fronteiras. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco. Santa Rosa, outubro/1985.

MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo. **Dicionário de arqueologia**. ADESA, setembro de 1997.

NOELLI, Francisco Silva. **Sem tekhoa não há tekó**: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Jacuí, Rio Grande do Sul. 2003. Dissertação (Mestrado em História Ibero-Americana). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, fevereiro de 1993.

PIAZZA, Walter. O sítio arqueológico do Rio Tavares (Santa Catarina). **Separata da Revista Dédalo**. N.2. São Paulo, dezembro/1965.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília, Ed. da UnB, 1992.

RIBEIRO, Liliane Brum. **Limpando ossos e expulsando mortos: estudo comparativo de rituais funerários em culturas indígenas brasileiras através de uma revisão bibliográfica**. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

ROHR S.J, Pe. João Alfredo. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga. **Pesquisas**. Antropologia, n.15. 1966.

_____. Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna. **Pesquisas**. Antropologia, n. 22. 1969.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. **Tentativa de caracterização da tradição tupiguarani**. 1981. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

SCHMITZ, Pedro Inácio. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupi-Guarani. In: KERN, Arno A.(org). **Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SILVA, Sérgio Baptista da. O sítio arqueológico da praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani. **Revista do CEPA**. Vol 17, nº20, setembro/1990. Anais da V Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Santa Cruz do Sul, p. 219-234.

Abstract

The present article pretend to discuss the characteristics of burring realized by Guarani Culture durind pré-contact period in the state of Santa Catarina and offer datas to new researches. It was made a research in archeological works made in this geographyc outline companing the kinds of burings and quantity of persons buried found.

Keywords: Archaeology; funeral urn; burring; Guarani; Santa Catarina.